

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

O Aché Vai Contar Sua História (ACHE)

Uma enchente no carnaval

História de [Antonio Narciso Neto](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 14/01/2021

Aché Vai Contar Sua História

Realização Instituto Museu da Pessoa

Entrevista de Antonio Narciso Neto

Entrevistado por Immaculada Lopes

Guarulhos, 23 de setembro de 2001

Código: ACHE_CB145

Transcrito por Jurema de Carvalho

Revisado por Alice Silva Lampert

P/1 – Senhor Antonio, para começar eu queria que o senhor falasse seu nome completo, local e a data de seu nascimento.

R – Meu nome é Antonio Narciso Neto, eu nasci em 22 de março de 1962, no Tatuapé, São Paulo. Atualmente eu estou morando em Guarulhos.

P/1 – Quando o senhor se muda para Guarulhos?

R – Eu vim para Guarulhos em 1990 aproximadamente.

P/1 – É a mesma época que você começa a trabalhar aqui no Aché?

R – Em 1991, um ano depois, eu entrei no Aché.

P/1 – Como foi essa entrada no Aché?

R – Essa entrada no Aché foi da seguinte maneira: eu trabalhava em cursos, numa empresa em São Paulo e meus pais - eu não era casado ainda - decidiram comprar uma casa, e nós escolhemos Guarulhos, a cidade mais próxima de São Paulo. Então ele veio para cá, para Guarulhos, e eu, como era filho dele, vim junto com ele.

P/1 – O senhor já tinha ouvido falar da empresa?

R – Eu não conhecia a empresa, não tinha ouvido falar. Fiquei sabendo por anúncio no jornal. Eu trabalhava numa empresa de contabilidade e fiquei sabendo que precisavam de analista de custos, assistente de custos. Imediatamente eu vim para cá, nem sabia da potência da empresa.

Fiquei sabendo depois que eu entrei aqui.

P/1 – Qual foi a data da entrada?

R – Foi dia 21 de maio de 1991.

P/1 – O senhor se lembra do dia exato, o senhor se lembra do primeiro dia de trabalho?

R – Lembro desse primeiro dia de trabalho, quer dizer, nesse dia praticamente nós viemos fazer uma integração. Ficamos metade do dia aqui, me apresentaram toda a empresa, a parte de produção, nunca tinha visto a produção de remédios, né, eu fiquei encantado quando eu vi. Inclusive, um remédio que eu até tomava, ainda tomo que é o _____, eu não sabia que se fabricava aqui. Quando eu vi o remédio que eu tomava passando nas linhas e o pessoal, as máquinas enchendo, eu falei: “Puxa vida, onde eu estou entrando? Num mundo diferente”. Eu conhecia muito a parte de metalúrgica e vendas de arame, pregos. Remédio foi a primeira vez, e eu fiquei admiradíssimo.

P/1 – Como era o Aché daquela época, era muito diferente?

R – Era muito diferente. Tanto é que eu não vou te dizer que o Aché parou porque a cada dia estava tendo mudanças no Aché. Era constante você ver pedreiros trabalhando: quebrando aqui, montando ali, edificando aqui, fazendo outro departamento. Gente nova entrando. Nunca foi igual, cada dia foi diferente aqui dentro do Aché.

P/1 – Mas que tipo de mudanças?

R – Mudanças em geral, crescendo. O Aché foi crescendo muito, foi se expandindo muito. Surgiu o Grêmio que não tinha na época, surgiram outras partes, os departamentos crescendo, pessoas novas entrando. Isso animava a gente porque a gente via que não era uma empresa parada, o negócio estava fluindo e, sabe, a gente começou a se interessar, a crescer junto com a empresa. Então foi muito legal porque a gente cresceu junto com a empresa.

P/1 – O senhor entrou fazendo o que exatamente?

R – Eu entrei como assistente de custos. Logo depois, pouco tempo depois, nós fomos promovidos para analistas de custos júnior, e depois - coisa de 3, 4 anos para frente - analista de custo pleno. Estamos galgando aí, até chegar a ser o dono do Aché.

P/1 – Nesses anos todos, algum episódio que mais marcou o senhor nesses anos de trabalho?

R – Muita coisa marcou... que nem o caso da enchente, foi um caso triste mas foi muito legal, porque a união aqui dentro do Aché, o relacionamento humano dentro do Aché, o espírito de equipe dentro do Aché, é muito grande. Inclusive fora, nas empresas que eu passei, eu não conheci. Então, assim que houve esse problema, há uns quatro ou cinco anos atrás, da enchente aqui no Aché, nós desenvolvemos muito uns com os outros, no sentido de ajudar o Aché a sair de dentro das águas. A água tomou conta cerca de um metro no Aché todinho. Houve muita perda de material de embalagem, de matéria prima, houve muita perda de material acabado, original, amostra... e nós, na época do carnaval, na época teríamos uma semana para ficar em casa, nós viemos aqui para trabalhar três ou quatro dias, o dia inteiro, rasgando bula, jogando material de embalagem no lixo, material de produto acabado no lixo, limpando o Aché, pegando em rodo, enxada, arrumando porta. Enfim, foi uma coisa divertida e diferente do que se fazia no dia-a-dia no escritório. Isso marcou muito.

P/1 – Pra terminar, eu queria perguntar do sonho. O sonho pro Aché.

R – Sonho meu para o Aché?

P/1 – Ou do senhor no Aché?

R – Eu pretendo crescer aqui no Aché. Eu tenho sonho de ser um auditor um dia, estou me preparando para isso e acredito que vou realizar esse sonho. Não está difícil, aqui dentro é fácil. Fica mais fácil realizar os sonhos aqui dentro. A gente tem muita oportunidade aqui e muita ajuda mesmo, em geral, dos amigos, da diretoria, da chefia, só não cresce quem não quer.

P/1 – O Aché teve uma participação no casamento, foi isso?

R – Quando eu entrei no Aché era maio, e minha terceira filha ia nascer em setembro. Na época, eu estava financeiramente me reconstruindo novamente. Com o nascimento da minha terceira filha, que seria menina, a gente estava... minha esposa estava querendo operar para não ter mais filhos. A gente estava lutando para isso, mas na época era muito caro, era uma questão de 150 ou 180, se não me falha a memória. Eu, com quatro meses de emprego, estava praticamente em experiência ainda. Me deu um ____ de sentar para conversar com a parte de recursos e benefícios do Aché. Na época, tinha uma psicóloga aqui. Eu fui conversar com ela para ver se conseguiria algum empréstimo em banco, para facilitar. Ela anotou a minha dificuldade. Meu problema naquela época era a minha esposa ser operada e eu não tinha dinheiro para bancar isso daí, de imediato com os médicos. Poucos dias depois, coisa de dois ou três dias depois, ela retornou com uma resposta pra mim: “O senhor Victor tinha preenchido um cheque de R\$ 150,00, à mão, em nome dele e/ou sua esposa” _____ e que eu podia pagar esse valor em seis vezes aproximadamente, com juros baixíssimos, que eu ficasse tranquilo. Minha filha nasceu, hoje ela está com 11 anos de idade, está com perfeita saúde, minha esposa está com perfeita saúde, nós estamos muito alegres por isso, e somos muito agradecidos também por essa bondade do

senhor Víctor e por essa recepção humana que nós tivemos do pessoal do Aché, dos psicólogos do Aché.

P/1 – E a família cresceu ainda mais?

R – Não, a família ficou só nos três filhos, está bom demais. Isso foi um ponto marcante, que marcou a minha vida.

----- Fim da entrevista -----